



**COMO UMA PEDRA  
NO SILÊNCIO**

**RECORDAR MÁRIO DIONÍSIO  
NO CENTENÁRIO DO SEU  
NASCIMENTO**

Título: Como Uma Pedra no Silêncio.  
Recordar Mário Dionísio no Centenário do seu Nascimento

Organização: Kelly Benoudis Basilio  
Maria Alzira Seixo

Capa: Linha Preguiçosa

Desenho Gráfico: Linha Preguiçosa

Apoio à Edição e Revisão: Moirika Reker

Edição: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Comparatistas  
Faculdade de Letras, Alameda da Universidade, 1600 - 214 Lisboa  
publicacoes.cec@letras.ulisboa.pt

1.ª edição: Dez. 2017

ISBN: 978-989-96677-3-0

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UID/ELT/0509/2013

**COMO UMA PEDRA NO SILÊNCIO**  
**RECORDAR MÁRIO DIONÍSIO**  
**NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO**

**ORGANIZAÇÃO**

KELLY BENOUDIS BASILIO  
MARIA ALZIRA SEIXO



## ÍNDICE

VII AGRDECIMENTOS

IX PREFÁCIO

*KELLY BENOUDIS BASILIO*

### **PARTE I - COMO OS OUTROS**

12 CINCO INCOMODIDADES, MELHOR DIZENDO CAPRICHOS,  
NA VIDA E OBRA DE MÁRIO DIONÍSIO.

*EDUARDA DIONÍSIO*

34 DA PINTURA À ESCRITA:  
UM PASSEIO PELA CRÍTICA DE ARTE DE MÁRIO DIONÍSIO.

*DANIEL-HENRI PAGEAUX*

43 COORDENADAS DO ESPAÇO INTÍMO EM MÁRIO DIONÍSIO.

*CATHERINE DUMAS*

57 UM PINTOR DE PALAVRAS.

*NUNO JÚDICE*

64 MÁRIO DIONÍSIO SEGUNDO MÁRIO DIONÍSIO  
(ATROPELAMENTO E FUGA).

*EUNICE RIBEIRO*

80 «ANIVERSÁRIO» DE MÁRIO DIONÍSIO:  
AUTO-RETRATO POÉTICO AOS QUARENTA E QUATRO ANOS.

*TERESA JORGE FERREIRA*

87 MÁRIO DIONÍSIO:  
ALGUMAS QUESTÕES URGENTES (1952-1953).

*YOURI PAIVA*

98 MÁRIO DIONÍSIO PROFESSOR.

*LUÍS MIGUEL CINTRA*

102 MÁRIO DIONÍSIO:  
COMO SE FORMA UM PROFESSOR.

*RUI CANÁRIO*

110 MÁRIO DIONÍSIO:  
SER PROFESSOR OU A EDUCAÇÃO DO SENTIMENTO POÉTICO.  
*ANTÓNIO CARLOS CORTEZ*

119 MÁRIO DIONÍSIO E A ARTE DE INVENTAR A MUDANÇA.  
*MANUEL GUSMÃO*

## **PARTE II - A PALAVRA QUE FALTA**

125 COMPROMISSO E EXPERIMENTAÇÃO  
EM NÃO HÁ MORTE NEM PRINCÍPIO DE MÁRIO DIONÍSIO.  
*JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS*

134 NÃO HÁ MORTE NEM PRINCÍPIO – VARIAÇÕES PARA UM TEMPO DE TRANSIÇÃO.  
*MARIA EDUARDA KEATING*

142 DIALOGAR COM O LEITOR:  
O DIA CINZENTO DE MÁRIO DIONÍSIO.  
*SERGE ABRAMOVIC*

150 A (EST)ÉTICA DOS PARAFUSOS E DAS ONDAS DO MAR  
NOS CONTOS DE MÁRIO DIONÍSIO.  
*BERTRAN ROMERO SALA*

158 PENSAR: INQUIETAÇÃO E ÉTICA.  
A PARTIR DE ALGUNS CONTOS DE MÁRIO DIONÍSIO.  
*CAROLINA LIMA VAZ*

165 CENAS DE ESCRITA NA POESIA DE MÁRIO DIONÍSIO.  
*SILVANA MARIA PESSÔA DE OLIVEIRA*

171 COM TODOS OS HOMENS NAS ESTRADAS DO MUNDO.  
*MARIA DO CARMO MENDES*

178 UM TEXTO EM CHAMAS OU QUE FAREI QUANDO TUDO ARDE...  
*SANDRA TEIXEIRA*

## **PARTE III - A NECESSIDADE DE VER CLARO**

193 O DIVÓRCIO ENTRE A ARTE E O PÚBLICO.  
UMA MARATONA DE DESOCULTAÇÃO EM A PALETA E O MUNDO.  
*DAVID SANTOS*

- 217 AS MINHAS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA D'A PALETA E O MUNDO DE MÁRIO DIONÍSIO: COLECTIVA (CASA DA ACHADA) E INDIVIDUAL. ALGUMAS FIGURAS DE PALAVRAS, DE PENSAMENTOS E IMAGENS NELA PRESENTES.  
*ANA FIGUEIREDO*
- 234 UM PENSAMENTO ARDENTE: ESTÉTICA E POLÍTICA EM CONFLITO E UNIDADE DA ARTE CONTEMPORÂNEA DE MÁRIO DIONÍSIO.  
*PEDRO BOLÉO RODRIGUES*
- 240 MÁRIO DIONÍSIO: POÉTICA PICTÓRICA, TEORIA DA ARTE.  
*SÍLVIA CHICÓ*
- 244 MÁRIO DIONÍSIO: A TEORIZAÇÃO ESTÉTICA E O NEO-REALISMO.  
*VÍTOR PENA VIÇOSO*
- 257 AS "FICHAS" DE MÁRIO DIONÍSIO NA SEARA NOVA.  
*MANUEL JOSÉ MATOS NUNES*
- 265 «NÃO SE PODE COPIAR» MESMO COM UM SIMPLES «DAR AO BOTÃO DA KODACK». A PROPÓSITO DAS RELAÇÕES DA OBRA DE MÁRIO DIONÍSIO COM A FOTOGRAFIA.  
*RENATO ROQUE*
- PARTE IV - NÓS E OS OUTROS**
- 281 OS PREFÁCIOS DE MÁRIO DIONÍSIO: UMA OUTRA MANEIRA DE MANTER A CONVERSA.  
*MARIA JOÃO BRILHANTE*
- 288 A MORTE É PARA OS OUTROS DE MÁRIO DIONÍSIO E O UNIVERSO DE MARIA JUDITE DE CARVALHO.  
*JOSÉ MANUEL DA COSTA ESTEVES*
- 297 MÁRIO DIONÍSIO, O HOMEM QUE INVENTOU JOSÉ GOMES FERREIRA.  
*CARINA INFANTE DO CARMO*
- 308 A RESISTÊNCIA DA MUDANÇA E A MUDANÇA DA RESISTÊNCIA: DE MÁRIO DIONÍSIO A ANTÓNIO LOBO ANTUNES.  
*NORBERTO DO VALE CARDOSO*
- 318 «ENTRE NÓS E AS RAÍZES»: MÁRIO DIONÍSIO E AS SOLICITAÇÕES LORQUIANAS.  
*CLAUDIO CASTRO FILHO*

- 326 ENCONTROS EM PARIS.  
ENCONTROS COM O MUNDO. ENCONTROS COM A PALETA DE UM NOVO REALISMO  
– CAMINHOS EM MÁRIO DIONÍSIO.  
*LUÍSA DUARTE SANTOS*
- 336 «ENCONTROS EM PARIS»: AS ENTREVISTAS DE MÁRIO DIONÍSIO E DE FERNANDO  
LOPES-GRAÇA A ARTISTAS FRANCESES (E NÃO SÓ) NO CONTEXTO DOS DEBATES  
ESTÉTICOS DO NEO-REALISMO NO PERÍODO DO PÓS-GUERRA (1947-1951).  
*MANUEL DENIZ SILVA*
- 348 DIÁLOGOS LUSO-BRASILEIROS POR MÁRIO DIONÍSIO.  
*IDA FERREIRA ALVES*
- 359 MÁRIO DIONÍSIO E A LITERATURA BRASILEIRA DE 30.  
*JOÃO MARQUES LOPES*
- 365 EVOCAÇÃO TRUNCADA DE MÁRIO DIONÍSIO.  
*EDUARDO LOURENÇO*

## MÁRIO DIONÍSIO, O HOMEM QUE INVENTOU JOSÉ GOMES FERREIRA

Carina Infante do Carmo\*

O ensaísmo de referência sobre o Neo-Realismo tem insistido na heterogeneidade congénita do movimento, respeitando aliás o pensamento de Mário Dionísio.<sup>1</sup> Quando protagonizou a reconstituição do campo intelectual e artístico português, desde meados dos anos 1930, aquela frente cultural antifascista incorporou entendimentos conflituantes do marxismo e do papel social da arte que culminaram na chamada Polémica Interna, particularmente aguda entre 1952 e 1954. E, todavia, foram a amizade e a camaradagem (nos sentidos estrito e amplo do termo) um elo agregador do Neo-Realismo em sucessivos projectos artísticos e editoriais<sup>2</sup>, bem como o respaldo necessário para a criação e a resistência contra a repressão salazarista e o isolamento de intelectuais e artistas, numa sociedade com altos índices de analfabetismo e estruturas culturais fragilíssimas.

No que a Mário Dionísio diz respeito, os laços de amizade que o uniram aos seus companheiros traduziram-se muitas vezes num magistério leal e independente com que se posicionou enquanto crítico literário perante os textos neo-realistas que iam sendo editados. Alves Redol mereceu-lhe, desde *Gaibéus*, um escrutínio muito exigente e só em *Barranco de Cegos* (1961) virá a reconhecer um «fruto sazonado»<sup>3</sup> da obra romanesca redoliana. O próprio Dionísio deixou registo desse seu acompanhamento rigoroso da produção de Redol, numa recolha de testemunhos a este dedicado, publicada em 2000.<sup>4</sup>

Já quanto à amizade entre José Gomes Ferreira e Mário Dionísio, dela resulta um diálogo muito desafiante para ambas as partes, temperada pelo convívio diário de muitos anos em

---

\* Professora Auxiliar da Universidade do Algarve e membro do Centro de Estudos Comparatistas – FLUL

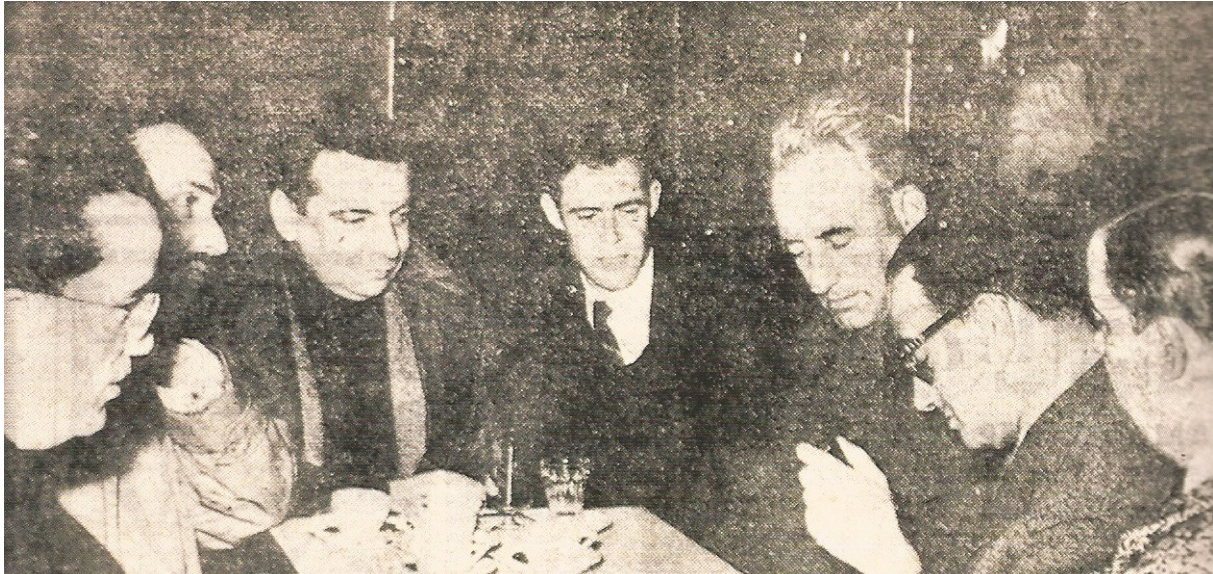
<sup>1</sup> Cf. o trabalho ensaístico de António Pedro Pita reunido em (e desenvolvido depois de) *Conflito e Unidade no Neo-Realismo Português: Arqueologia de uma Problemática*, Porto, Campo das Letras, 2002. Dionísio escreveu sobre este tema desde os anos 1940 mas destaco testemunhos tardios, beneficiados pelo recuo histórico e pela liberdade de expressão: *Autobiografia* (Lisboa, O Jornal, 1987, pp. 28-29) e a entrevista a Augusto M. Seabra “Mário Dionísio: «Fui sempre anti-stalinista»”, in *Expresso. Revista* n.º 495, Lisboa, 24/04/1982, pp. 20-21, e depois recolhida em *Mário Dionísio, Entrevistas (1945-1991)*, (coord. Cristina Almeida Ribeiro), Lisboa, Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, 2010, pp. 103-115.

<sup>2</sup> Para só referir projectos em que José Gomes Ferreira esteve envolvido, *vd.* o cancionero *Marchas, Danças e Canções* (1946), composto por Fernando Lopes-Graça; a primeira recolha poética da maturidade de José Gomes Ferreira, *Poesia I* (1948), publicada na colecção *Sob o Signo do Galo*, animada por Carlos de Oliveira e João José Cochofel, depois de ter falhado a oportunidade de integrar a colecção *Novo Cancioneiro*, no início da década; ou o prefácio que redige para o álbum de desenhos *Líricas* (1950), de Manuel Ribeiro de Pavia.

<sup>3</sup> MD, “O fruto sazonado”, in *Diário de Lisboa* — «Vida literária e artística», n.º 195, 26/04/1962, p. 17.

<sup>4</sup> Cf. MD, “Para o perfil de um camarada”, in *Testemunhos dos seus Contemporâneos*, (org. Maria José Marinho e António Mota Redol), *Alves Redol*, Lisboa, Caminho, 2000, pp. 66-80.

tertúlias de café. Temos acesso fácil a esse diálogo porque ambos os autores se pronunciaram sobre o assunto em textos memorialísticos, crónicas e entrevistas. Retomemos, então, a linha do tempo que uniu os dois amigos.



O Grupo do «Bocage» (*Diário de Lisboa* — «Vida Literária e Artística», n.º 190, 15/03/1962, p. 1.)

*A Memória das Palavras* (1965) de José Gomes Ferreira e a evocação póstuma do poeta feita por Mário Dionísio, na *Vértice* de Julho-Dezembro de 1986, fixam 1937 como o ano do encontro entre os dois, e que é também o ano do início da colaboração do jovem Dionísio no *Sol Nascente* e em *O Diabo*.<sup>5</sup> A ideia nunca concretizada (por falta de sala) de organizar, em 1937, o I Certame de Arte Moderna leva Dionísio a pedir colaboração a vários poetas contemporâneos para uma brochura de inéditos: Edmundo de Bettencourt, José Régio, Vitorino Nemésio, João Falco/Irene Lisboa, Fausto José, Francisco Bugalho e José Gomes Ferreira. No espólio do crítico lá se encontra “Poema do mundo impossível”<sup>6</sup> que José Gomes Ferreira renomeará “Poema do mundo perdido”, publicando-o, primeiro, na *Revista de Portugal*, dirigida por Vitorino Nemésio, em Julho de 1939, e, depois, em *Poesia I* (1948).

A década de 30 é para o poeta militante um período de maturação e absorção modernista: além das suas crónicas cinéfilas e do folhetim *Aventuras Maravilhosas de João sem Medo*,<sup>7</sup> é o momento de superação da marca pós-simbolista dos seus títulos juvenis (*Lírios do Monte*, 1918, e *Longe*, 1921), que virá a renegar. Publica dispersos na *presença*, na “Antologia de poetas modernistas”, da revista *Descobrimento* (n.º 5, 1932), em *O Diabo* e sobretudo na *Seara Nova* onde, em 1939, dá à estampa o poema “A uma nuvem e a todas

<sup>5</sup> Cf. José Gomes Ferreira, *A Memória das Palavras I ou o Gosto de Falar de Mim*, Lisboa, Moraes, 1979, 4.ª ed., pp. 177-179; Mário Dionísio, “Sete recordações”, in *Vértice* n.º 473-475 (Coimbra, Jul.-Dez. 1986), pp. 151-159.

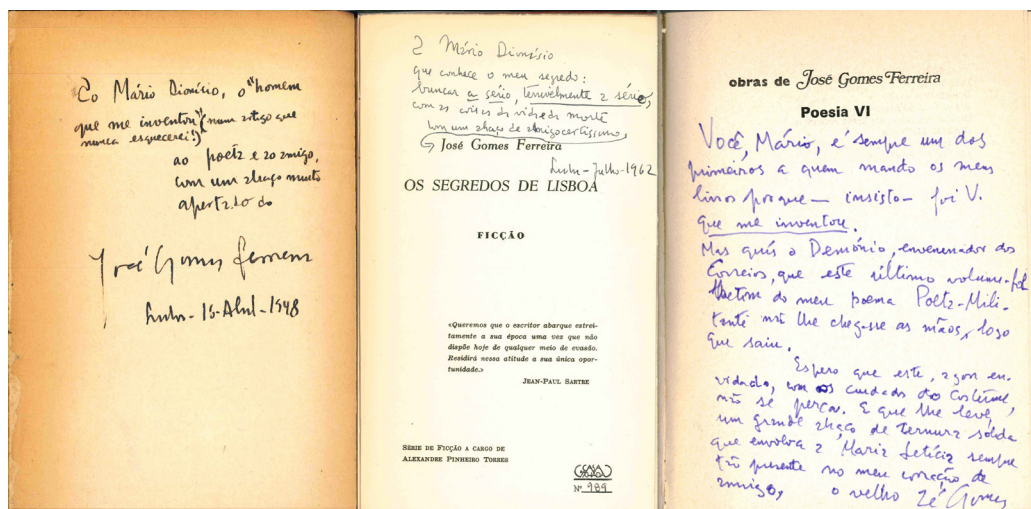
<sup>6</sup> Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, Espólio Mário Dionísio, Cx12Doc084, José Gomes Ferreira, “Poema do mundo impossível”, ms., [1937], 5 folhas (fr. e v.).

<sup>7</sup> Este folhetim é publicado em 1933, sob o pseudónimo O Avô do Cachimbo e ilustrado por Ofélia Marques, na revista *O Senhor Doutor*, dirigida por António Lopes Ribeiro. Virá a ter uma versão revista em livro, trinta anos depois, com forte incentivo de Carlos de Oliveira.

as nuvens”. É este poema que motiva a primeira anotação crítica de Mário Dionísio sobre José Gomes Ferreira, na sua “Ficha 4”<sup>8</sup>. O artigo não se cinge a este poema e ao seu autor, antes o identifica como pioneiro de uma afinidade poética que une Casais Monteiro, Cochofel, Fonseca, Namora, Muralha e é extensível, no outro lado da fronteira, ao exemplo de Altolaguirre, Lorca e Alberti. Une-os um «sentido da terra»<sup>9</sup> que se traduz na «consciência do concreto»<sup>10</sup> da vida dos homens e na imperativa necessidade da sua invenção.

Eis, afinal, um eixo do pensamento teórico-crítico de Dionísio. Na esteira do pintor Marcel Gromaire e da ideia de “invenção do concreto” mas também na linha do pensamento de Bento de Jesus Caraça sobre o factor emancipador da cultura, Dionísio nunca deixou de insistir em que a arte é realista não por ser reflexo do real mas por ser a sua *deformação*, ciente que deve estar da especificidade da oficina artística e da imaginação humana por ela desafiada e alargada. Mais tarde, em *A Paleta e o Mundo*, assume que em arte «não se pode copiar»<sup>11</sup> e, sim, inventar: só pela experimentação das formas se abrem novos sentidos a esse mesmo real, sem perder de vista a tomada de consciência do público em relação ao património artístico e a criação subsequente de uma ideia de comunidade. Aí residem, no seu entender, as razões da centralidade política da arte.

A carta de agradecimento de José Gomes Ferreira pela “Ficha 4”, datada desse mesmo mês de Março de 1942, sela o encontro destes dois homens de gerações distintas mas unidos por uma afinidade intelectual indesmentível: «Aos quarenta anos, neste sobrenadar de geração para geração, – foi a primeira vez que me vi citado por uma pessoa que considero».<sup>12</sup> Assim pode afirmar-se que Dionísio inventou o poeta amadurecido José Gomes Ferreira, corroborando a fórmula, que é bem mais do que uma *boutade*, reiterada em dedicatórias que endereçou, ao longo da vida, a Dionísio e à sua família.



Dedicatórias de José Gomes Ferreira em *Poesia I* (1948), *Os Segredos de Lisboa* (1962) e *Poesia VI* (1976)– Espólio Mário Dionísio, Casa da Achada-Centro Mário Dionísio.

<sup>8</sup> MD, “Ficha 4”, in *Seara Nova* n.º 762 (Lisboa, 21 Mar. 1942), pp. 86-87.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 86.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>11</sup> MD, “Não se pode copiar”, in *A Paleta e o Mundo*, 1.ª parte, vol. 1, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1973, 2.ª ed., p. 124.

<sup>12</sup> Espólio Mário Dionísio, Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, DOS-3-10-doc1, Carta de José Gomes Ferreira a Mário Dionísio, ms., 26/03/194[2], 2 folhas (fr.).

Da lavra de Mário Dionísio vemos o afecto publicamente retribuído quando, em 1962, saúda a atribuição a *Poesia III* (1961) do Grande Prémio de Poesia da Sociedade Portuguesa de Escritores (SPE):

Lá bem para o fundo da sua (tão laboriosamente construída) modéstia, toda a gente terá dois ou três motivos de vaidade sempre prontos a comprometer a fachada exemplar. Eu, pelo menos, tenho um. E é o de contar, entre os livros da minha pequena biblioteca, a *Poesia I* de José Gomes Ferreira com uma dedicatória em que o autor escreveu este “disparate” de amizade, como Goya lhe chamaria: «ao homem que me inventou (num artigo que nunca esquecerei)».<sup>13</sup>

E a verdade é que Mário Dionísio veio a ser um dos mais relevantes exegetas da obra em verso e em prosa de José Gomes Ferreira. Em 1978, publica não apenas o prefácio a *Poeta Militante*, na sua 2.<sup>a</sup> edição, mas também o prefácio à 6.<sup>a</sup> edição da colectânea de crónicas *O Mundo dos Outros* (1950). Ambos são reveladores de uma leitura profunda, maturada, assente no conhecimento minudente da análise de texto. A dado passo do prefácio de *Poeta Militante* Dionísio enuncia o método crítico utilizado, que, de resto, se confirma na documentação preparatória da redacção desse texto, guardada no seu espólio:

É um prazer sem igual desmontar este edifício laboriosamente construído, fazer a viagem ao contrário, ir ao encontro dos possíveis pontos de partida, desconfiar dos truques do poeta, repor certas palavras onde elas talvez tenham começado por estar, pôr lá as que faltam, tirar outras cuja presença parece suspeita, reduzir tudo à banalidade inicial. E ver, então, sem possibilidade de refutação, como nada é gratuito nesta poesia excepcional, nada indiferente, nada enfeite ou só efeito!<sup>14</sup>

Para conhecermos os antecedentes do prefácio de *O Mundo dos Outros*, há que recuar a 1950, quando Dionísio faz uma recensão, na revista *Ler*, sobre este livro e sobre *Bairro* (1945), de Manuel Mendes. Tal nota crítica incide sobre a representação da cidade moderna que as duas obras corporizam, na boa linhagem de Cesário Verde e até de Fernão Lopes e em afinidade com Irene Lisboa: «é um amar a cidade que morre, com o coração e os olhos postos na cidade que nasce»<sup>15</sup>; «vista e experimentada do ângulo mais íntimo dos seus habitantes anónimos, é a paisagem dolorosa ou alegre, desarrumada, imprevista da sua gente»<sup>16</sup>. A singularidade de José Gomes Ferreira, identifica-a, entretanto, na «exaltação transfiguradora»<sup>17</sup> da paisagem urbana e no histrionismo auto-irónico do *eu* autoral,

<sup>13</sup> MD, “O melhor é cantar”, in *Diário de Lisboa* «Vida literária e artística» n.º 200, Lisboa, 31/05/1962, p. 1. No prefácio “*Poeta militante* de José Gomes Ferreira” retoma o tema. Cf. MD, *Prefácios 1948-1989*, Lisboa, Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, 2014, pp. 67-68.

<sup>14</sup> MD, “*Poeta militante* de José Gomes Ferreira”, in *Prefácios 1948-1989*, op. cit., pp. 83-84. Este prefácio resultou de uma palestra de Dionísio na sala Manuela Porto (Teatro da Cornucópia), em 15/02/1978. Foi ligeiramente revista num destacável do *Diário de Lisboa* n.º 19592, Lisboa, 27/02/1978, com o título “José Gomes Ferreira - O poeta militante” (4 pp.). Vd. ainda Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, Espólio Mário Dionísio, Cx3-Doc4, «A poesia de José Gomes Ferreira», ms., 94 folhas (fr.).

<sup>15</sup> MD, “Dois poetas de Lisboa”, in *Ler* n.º 2 (Lisboa, Maio 1952), p. 4.

<sup>16</sup> Ibid. De notar o eco do verso de “Lisbon revisited” (1926) de Álvaro de Campos que deu título ao álbum fotográfico *Lisboa, Cidade Triste e Alegre* (1959), de Victor Palla e Costa Martins.

<sup>17</sup> Ibid.

tópicos que aprofundará, como mostrarei mais à frente, no prefácio de 1978 a *O Mundo dos Outros*.

A fraternidade que ligou José Gomes Ferreira e Mário Dionísio nunca se reduz à posição magistral do crítico sobre o escritor. As opiniões de Dionísio merecem debate (e aceitação) da parte do amigo; aliás, será melhor dizer, da parte dos amigos, como é assumido pelos membros da tertúlia do café Bocage, entrevistados pelo *Diário de Lisboa*, a 15 de Março de 1962.<sup>18</sup>

Outro exemplo interessante é uma entrada do diário inédito *Passageiro Clandestino*, datada de 13/09/1956, em que Dionísio assinala a divergência que os separava quanto ao romance *A Sibila* (1954), de Agustina Bessa-Luís. Na sua opinião, não se trata bem de falta de preparação crítica de José Gomes Ferreira, actividade que esporadicamente exercerá dos anos 50 em diante. O problema, incomodativo para o diarista, será mais a assumida incapacidade de isenção de Gomes Ferreira:

Não é um crítico. Melhor seria dizer: não quer ser um crítico. E melhor ainda se o dissesse num tom que não implicasse, como aquele que emprega para o dizer, certo desprezo pela actividade crítica. Não consegue desligar-se – diz ele – ao apreciar um livro, da amizade que o liga ou da antipatia que o afasta do autor.<sup>19</sup>

Dionísio faz um reparo sobre a protagonista camponesa de Agustina, forjada «com a fina análise de Proust»<sup>20</sup>, mas não deixa de sublinhar a qualidade excepcional do romance sobre o qual não escreveu qualquer estudo ou recensão. Regista, então, a falta de isenção de José Gomes Ferreira:

Como aderir a esta insuportável posição que leva a prestar maior louvor à menor qualidade dos nossos amigos e a negar em absoluto as qualidades, mesmo grandes e evidentes, dos nossos inimigos que, algumas vezes, são apenas nossos desconhecidos?<sup>21</sup>

À estranha recusa de ler romances junta-se, em José Gomes Ferreira, um arreganho certamente mais ideológico e pessoal do que estético em relação a Bessa-Luís e ao arcaico universo humano daquele romance. A verdade é que *A Sibila* foi irredutível ao imaginário ficcional neo-realista – o que levou Eduardo Lourenço a considerá-la o alfa de uma «literatura desenvolta», herdeira da ironia de Álvaro de Campos e liberta de desígnios políticos e éticos.<sup>22</sup> Além disso, teve reconhecimento institucional, ganhando, para cúmulo, o *Prémio Eça de Queirós* (1954), do Secretariado Nacional de Informação, para a categoria

---

<sup>18</sup> São eles: João José Cochofel, Mário Dionísio, José Gomes Ferreira, Egídio Namorado, Aquilino Ribeiro Filho, Carlos de Oliveira e ainda os ausentes Manuel da Fonseca, José Cardoso Pires e José Fernandes Fafe. Cf. “Tertúlias de Lisboa – O grupo do «Bocage»”, in *Diário de Lisboa* «Vida Literária e Artística» n.º 190, Lisboa, 15/03/1962, p. 2.

<sup>19</sup> Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, Espólio Mário Dionísio, Cx9-doc1-098, *Passageiro Clandestino*, 13/09/1956, dactiloscrito, 1 folha (fr.), p. 85.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> Ibid. José Gomes Ferreira escreveu artigos e prefácios sobre Garrett, Camilo, Guilherme Braga ou Aquilino, mas também Pascoais, Brandão, Irene Lisboa, entre outros, dispersos na imprensa e depois recolhidos em *Gaveta de Nuvens* (1975) e *Relatório de Sombras* (1980).

<sup>22</sup> Eduardo Lourenço, “Uma literatura desenvolta ou os filhos de Álvaro de Campos”, in *O Canto do Signo. Existência e Literatura (1957-1993)*, Lisboa, Presença, 1994, pp. 259-262.

de romance.

13-IX-56.

As minhas relações com o J.G.F. são irregulares. Ora seguidas, ora muito espaçadas. Há tempos que não nos encontrávamos, assim, um bom bocado. É um amigo, uma personalidade cativante, um poeta indiscutível. Se me vê como eu o vejo, somos amigos, de facto. No entanto, a nossa discordância é quase permanente, mesmo - e talvez principalmente, quando ~~uma~~ não ~~se~~ <sup>chega</sup> exprime por palavras. A amizade quer independência e amor próprio. Hoje discutimos livros e autores conhecidos. Ele declara-me o que já sei há muito. Não é um crítico. Melhor seria dizer: não quer ser um crítico. É melhor ainda se o dissesse num tom que não implicasse, como aquele que emprega para o dizer, certo desprezo pela actividade crítica. Não consegue desligar-se - diz ele - ao apreciar um livro, da amizade que o liga ou da antipatia que o afasta do autor. Admite que certo livro seja bom, mas acha-o insuportável porque assim considera o seu autor. Isto vem a propósito de ~~esse~~ "S.", um ~~autor~~ de grande êxito, que só agora li. J.G.F. entra no número dos que enfileiraram contra, dos que declaram não ter sido capazes de o ler até ao fim... Histórias! Lêem coisas vinte vezes piores se são dos amigos chegados... "B" provocou-me, pelo contrário, interesse e verdadeira admiração - apesar de achar a sua tese inaceitável, altamente nociva, perigosa a ponto de nos pôr o dever de combatê-la e de considerar o livro de certo modo construído numa base falsa. Empréstimo a fina análise de Proust (que sempre me encanta) às camponesas do Minho é ingénuo e de resultados mais que discutíveis. Mas, além disto, para mim, há o livro, há dezenas e dezenas de pormenores, de observações, de frases ou até de capítulos inteiros a que não estamos muito habituados entre nós, de que a nossa literatura é na verdade tãoetão e tão pobre! Como aderir a esta insuportável posição que leva a ~~considerar~~ prestar o maior louvor à menor qualidade dos nossos amigos e a negar em absoluto as qualidades, mesmo grandes e evidentes, dos nossos inimigos que, algumas vezes, são apenas nossos desconhecidos? É qualquer coisa como a inconsequência, o estreito subjectivismo arvorados em teoria! A confusão dos tempos presta-se à maravilha a deixar confundir este defeituoso ponto de mira e julgamento com uma posição de combate, com a atitude "engangé" do escritor - bem ~~perigosa~~ necessária, com efeito, mas nem por isso menos perigosa. Não se verá que é duma lamentável confusão que se trata?! Volto-me para o J. G. e, quanto a ele, descubro a causa de opiniões várias que nele me chocam: "É que você não é um leitor de romances". "Pois não", concorda ele, "é isso mesmo". Alegro-me por ter acertado. Na verdade, para J.G. existe poesia e nada mais que poesia. O resto maça-o ou, pelo menos, não lhe interessa. Põe de lado, encolhe os ombros, não é com ele. O pior é que esta verdade, que ele não escla rece nunca em voz alta, (ou talvez não tenha nunca descoberto nem queira descobrir para consigo mesmo) ouvida por alguns amigos que lhe bebem as "saídas", as opiniões sérias e as brincalhonas, vai ganhando foros de cidade. Mas... (o meu problema, na verdade é outro), como se pode não ser um leitor de romances?

14-IX-56.

A verdadeira sanha com que a maior parte das mulheres defende a monogamia! A mulher do R. pôs-se ontem a falar duma jornalista que não coheço pessoalmente e que, segundo ela, além da sua pro-

Excerto do diário inédito de Mário Dionísio, *Passageiro Clandestino*, 13/09/1956.

A atribuição deste prémio a *A Sibila* coincide justamente com o combate dos escritores pela sua autonomia em relação ao aparelho ditatorial e pelo direito a organizarem-se, o que

realmente conseguem com a SPE, entre 1956 e 1965.<sup>23</sup> A luta cultural era assumidamente uma frente política e receber um prémio do SNI significava estar do lado do “inimigo” e ser um deles. Não por acaso, o Prémio Eça de Queiroz do SNI só teve oito atribuições entre 1935 e 1960, ano do seu termo. Ao contrário do que sucedera, nos anos 1930-40, com o campo da arquitectura, cinema, artes plásticas ou musicais, o campo literário rejeitou quase unanimemente as formas de consagração e penetração institucional salazarista. Nesse âmbito evidenciou-se o movimento neo-realista, capaz de urdir, nesses meados do século XX, um circuito independente, mesmo se vigiado e reprimido, para uma cultura contra-hegemónica à da *Política do Espírito* salazarista.<sup>24</sup>

Voltemos à leitura de Dionísio sobre José Gomes Ferreira. A grande questão que levanta é a identificação problemática do poeta com o Neo-Realismo. Gomes Ferreira é um companheiro mais velho, oriundo da tradição pós-simbolista, que absorve a referência de Pascoaes e sobretudo de Brandão; incorpora, de seguida, o filão modernista, paralelo ao marco pessoano; finalmente, é entre os neo-realistas que vem a encontrar um sentido de pertença ideológica e criativa, à entrada dos anos 40. E, contudo, segundo Dionísio, tal facto não torna pacífica a sua inserção naquele movimento literário.

Curiosamente, foi o poeta militante a levantar a questão do “seu” Neo-Realismo, em 1962, numa entrevista dada aquando da atribuição a *Poesia III* do Grande Prémio de Poesia da SPE.<sup>25</sup> O contraditório de Dionísio levá-lo-á rapidamente a desdizer-se, conforme se lê a dia 18 de Novembro de 1966, no volume póstumo *Dias Comuns-I*. Cita, para o efeito, uma passagem do prefácio de Dionísio à sua *Poesia Incompleta* (1966):

No Antiprefácio de *Poesia Incompleta*, a propósito dos «historiadores e teorizadores *a posteriori* do neo-realismo», leio esta opinião (com que aliás concordo):

«Verificarão também, e também por exemplo, que um poema como “Viver sempre também cansa”, de José Gomes Ferreira, escrito e publicado em 1931 («presença») e os muitos que se lhe seguiram interessam, sim, ao estudo dessas raízes, mas não chegam talvez para classificar este grande poeta «neo-realista», salvo numa acepção excessivamente lata, que, por isso, só dificulta a compreensão do problema. Por estranha que esta opinião se afigure, as ligações existentes entre um José Gomes Ferreira e os poetas mais representativos do «Novo Cancioneiro» são menos directas e, todavia, bem mais profundas do que a apressada aplicação dum rótulo poderá fazer crer.»

É preciso explicar. Eu próprio, depois de receber o Grande Prémio de Poesia, vim uma vez a público confirmar, orgulhoso, o rótulo: «Sou Neo-realista! Quero ser Neo-realista!» Mas fi-lo apenas por lealdade para com os meus velhos companheiros, então como hoje, atacados com tanta injustiça, e, sobretudo, para desiludir os pescadores de

<sup>23</sup> Cf. João Pedro George, *O Meio Literário Português (1960-1998). Prémios Literários, Escritores e Acontecimentos*, Lisboa, Difel, 2002, pp. 20-37.

<sup>24</sup> Esse divórcio em relação aos organismos oficiais e seus prémios literários estravasa a frente neo-realista, porque inclui, desde logo, a «deserção dos escritores modernistas encimada por Régio»: cf. Jorge Ramos do Ó, *Os Anos de Ferro. O Dispositivo Cultural Durante a «Política do Espírito 1933-1949*, Lisboa, Estampa, 1999, p. 134. O próprio António Ferro o reconhece, incomodado, em *Prémios Literários (1934-1947)*, Lisboa, SNI, 1947, p. 140.

<sup>25</sup> “José Gomes Ferreira: ‘O neo-realismo é o maior movimento literário da nossa época’”, in *Seara Nova* n.º 1403 (Lisboa, Set. 1962), pp. 206-207.

águas escuras que já começavam a querer seduzir-me com a isca do costume: «está acima de todas as escolas», etc.<sup>26</sup>

Vejamos as razões de Dionísio para questionar a pertença neo-realista de José Gomes Ferreira, no prefácio de 1978 a *Poeta Militante*:

O neo-realismo ou não de José Gomes Ferreira – problema que considero aliás de interesse assaz restrito – reduz-se para mim a esta conclusão bem simples, que em nada o diminui e afasta da caminhada comum: na área do seu campo magnético não há Revolução nos termos precisos decorrentes da visão de Marx. Há, sim, o sofrimento inconformado e rebelde da «Revolução Inverosímil imanente» que o deslumbrou em Brandão e profundamente o marcou.<sup>27</sup>

Do ponto de vista ideológico José Gomes Ferreira vai aderindo progressiva e criticamente ao referencial marxista, conforme revela a 4 de Março de 1966, em *Dias Comuns I*:

Considero-me um “resignado” ao que vulgarmente se chama “pensamento marxista”. Por mais que intente fugir-lhe (por teima de liberdade aparente) sempre vou lá parar... ..Riacho impetuoso a fingir de livre, afinal sem outro destino que não seja o mar (ou as nuvens).<sup>28</sup>

No entanto, a matéria literária de José Gomes Ferreira corrobora grande parte dos argumentos de Mário Dionísio. Quer no registo de memórias ou crónicas quer na poesia, é indesmentível o seu referente romântico da Revolução Francesa e das barricadas parienses de Victor Hugo, assim como a imaginística redentora do sonho e da revolução que vem de Brandão. Em Gomes Ferreira, estes filões estéticos conciliam-se com a matriz jacobina e republicana que marcou indelevelmente a sua infância e lhe alimentou o imaginário político até 1974, em detrimento da Revolução Russa.<sup>29</sup>

Sobre *O Mundo dos Outros* Dionísio invoca o mesmo argumentário:

[...] *O Mundo dos Outros* não manifesta, nem uma adesão à situação social dos ‘outros’, que nunca se despegam da neblina de lama de estrelas herdada de um Brandão que desconhece Marx, nem, muito menos, uma oposição entre o autor e os outros, que tantos passos nos tentam a admitir que seja.<sup>30</sup>

Ora, esse “não marxismo” de *O Mundo dos Outros* é matéria mais discutível. É verdade

<sup>26</sup> José Gomes Ferreira, *Dias Comuns-I. Passos Efêmeros*, Lisboa, Dom Quixote, 1990, p. 144. Se *Dias Comuns I* é um póstumo, já se conhecia a concordância de José Gomes Ferreira com Mário Dionísio: primeiro, em “As duas pontes” (*Diário de Notícias* n.º 36975, Lisboa, 30/09/1974, p. 7), depois integrada em *Revolução Necessária*, Lisboa, Diabril, 1975, pp. 65-67; e em “José Gomes Ferreira à conversa com Baptista Bastos: ‘Fui neo-realista por camaradagem para ser perseguido como eles’”, in *Diário Popular*, Lisboa, 02/03/1978, VI e VII.

<sup>27</sup> MD, “*Poeta Militante* de José Gomes Ferreira”, in *Prefácios 1948-1989*, op. cit., p. 78.

<sup>28</sup> José Gomes Ferreira, *Dias Comuns - I*, op. cit., p. 42.

<sup>29</sup> Cf. Carina Infante do Carmo, “A 1.ª República na intervenção sonâmbula de José Gomes Ferreira”, in *Filologia, Memória e Esquecimento. Act 20*, (org. Fernanda Mota Alves et alii), Ribeirão, Húmus, 2009, pp. 611-627.

<sup>30</sup> MD, Prefácio de José Gomes Ferreira, *O Mundo dos Outros* in *Prefácios 1948-1989*, op. cit., p. 103.

que estas crónicas, inicialmente publicadas na *Seara Nova*, em 1945, não fazem a análise dos mecanismos da estrutura económica e das relações de classe, como sucedia habitualmente em romances neo-realistas. Nesse sentido, será excessivo qualificá-las com o epíteto «panfletário»<sup>31</sup>, e aplicar-lhes taxativamente o rótulo de «uma das obras máximas produzidas pelo neo-realismo português»<sup>32</sup>, como o faz Alexandre Pinheiro Torres. O título *O Mundo dos Outros* levanta problemas, ou melhor, indicia a ausência de conceitos-chave marxistas como classe e luta de classes, defende com razão Mário Dionísio.<sup>33</sup> A reflexão marxista aqui convocada não trata as forças e relações de produção mas não anda longe das relações e ideias da sociedade (cultura, instituições, estruturas de poder político, etc.), estudadas nomeadamente por Gramsci. Em concreto, põe a nu os mecanismos de dominação e reprodução, a submissão e a passividade dominantes, introduzindo, pela voz irónica do narrador, a dissidência e a dialogia na asfixiante Lisboa sob ditadura.<sup>34</sup>

Outro problema para Dionísio é a figura autoral de José Gomes Ferreira:

Circular, a sua poesia não avança – ideologicamente falando – aprofunda. E quanto mais fundo vai chegando, mais desvenda o rosto mutilado de um homem preso nas algemas que ele próprio forja e que resiste, delas tentando libertar-se. Que o poeta ajuda a resistir e a libertar-se, sendo ele próprio esse rosto, as algemas e a ânsia de liberdade.<sup>35</sup>

Já Eduardo Lourenço, no seu estudo sobre a poesia neo-realista de 1966, assinalara o «funambulismo trágico»<sup>36</sup> de José Gomes Ferreira que não esconde o conflito interior e a precariedade da palavra poética. No fundo, Lourenço e Dionísio conhecem a dramatização irradiante desta voz que encena autobiograficamente a dúvida sobre o poder da poesia e não desiste, ainda assim, de estabelecer a ponte com o mundo social envolvente, parodiando a forma panfletária – nos seus próprios termos, apresenta-se «cheio de comícios por dentro e impossibilidades por fora».<sup>37</sup>

E assim chegamos aos *topoi* do poeta solidário-solitário e da sua “estética do grito”, essenciais para compreender José Gomes Ferreira. É com eles que Dionísio fecha o prefácio a *Poeta Militante*: «O eu “exíguo” que o poeta se julga é o meu e o vosso, é um eu de milhões».<sup>38</sup> Só aparentemente decalca um verso do próprio Dionísio, originalmente publicado nos *Cadernos de Poesia* (n.º 5, 1942): «O meu grito e meu canto é a voz de milhões».<sup>39</sup> Há em comum o gesto solidário com os humilhados e ofendidos mas a diferença

<sup>31</sup> Alexandre Pinheiro Torres, *Vida e Obra de José Gomes Ferreira*, Amadora, Bertrand, 1975, p. 237.

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> MD, Prefácio de José Gomes Ferreira, *O Mundo dos outros*, op. cit., pp. 99-100.

<sup>34</sup> Cf. Carina Infante do Carmo, *A Militância Melancólica ou a Figura de Autor em José Gomes Ferreira*, Lisboa, FCT/FCG, 2010, pp. 279-291.

<sup>35</sup> MD, “Poeta Militante de José Gomes Ferreira” in *Prefácios 1948-1989*, op. cit., pp. 85-86.

<sup>36</sup> Eduardo Lourenço, *Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista e Outros Ensaios. Obras Completas II*, (coord. e introd. António Pedro Pita), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 91.

<sup>37</sup> José Gomes Ferreira, *O Mundo dos Outros. Histórias e Vagabundagens*, Lisboa, Dom Quixote, 1990, 9.ª ed., p. 176.

<sup>38</sup> MD, “Poeta Militante de José Gomes Ferreira”, op. cit., p. 86.

<sup>39</sup> MD, “Meu galope é em frente”, in *Poesia Completa*, Lisboa, INCM, 2016, p. 117.

em relação aos poetas neo-realistas é real, como bem sublinhou Rosa Maria Martelo:<sup>40</sup> o desejo de cantar em nome colectivo e a remissão dolorida à posição solista e lírica não cinde o sujeito neo-realista, que assim se afasta do paradigma modernista. Em contraponto, para José Gomes Ferreira, o pêndulo entre o solo e o coro é uma forma de responder ao desafio heteronímico pessoano (assim o defendem Carlos de Oliveira e Mário Dionísio, na sua esteira)<sup>41</sup>: a ironia e a palinódia deste *one man band* desmultiplica-se em máscaras, tons e vozes, pelo que afirma a incompletude de toda a experiência e da linguagem; sem contradição, é corroído pelo remorso, por espectros e fantasmas de ascendente expressionista/brandoniano que projectam na voz solitária o mundo dos outros.

Do lado de José Gomes Ferreira a reivindicação da pertença neo-realista justificara-se como gesto de amizade, num tempo (anos 1960) em que a intervenção do movimento e a sua hegemonia no campo cultural e literário eram postas em causa, por novos protagonistas e propostas estéticas – não raro com argumentos depreciativos e redutores que determinaram muito do discurso crítico sobre o Neo-Realismo até hoje. Um desses lugares comuns passou pela exclusão liminar do Neo-Realismo do movimento modernista, porque reduzido a mera importação do realismo socialista soviético e à instrumentalização política. Bem diverso é o entendimento de José Gomes Ferreira sobre o Neo-Realismo, intrinsecamente heterogéneo e conflitual:

[...] não considero o neo-realismo (e agora limito-me a repetir o que Mário Dionísio teorizou há perto de vinte anos) uma simples escola, *mas um movimento literário* (talvez o maior e o mais fundo da nossa época) que contém inúmeras escolas e grupos: a célula inicial do *Novo Cancioneiro*, já por assim dizer clássica, os estetas da esperança sem estética, os neo-românticos panfletários, os evidentes-mediocres, os realistas, os satíricos, os poetas militantes, os surrealistas que transferiram a super-realidade para o futuro e até os neo-realistas que se ignoram, pois que não há poetas depois de 1940 – até que se julgam reaccionários, mágicos, etc. – que não crescessem à sombra da Ilusão-da-Poesia-Que-Quer-Transformar-o-Mundo e abalou as raízes filosóficas da Poesia tradicional portuguesa. Em resumo: um movimento tão rico que as escolas em que se divide já se digladiam, combatem, insultam, arranham, mordem.<sup>42</sup>

No seu entender, o Neo-Realismo não se fica pelas (embora também o inclua) posições mais ortodoxas de defesa do conteúdo social da arte, que vêm desde os anos 1930 e se manifestam nitidamente de um dos lados da Polémica Interna. À entrada dos anos 1960, José Gomes Ferreira tem também a noção do amadurecimento de vários daqueles seus amigos escritores: como Alves Redol ou Carlos de Oliveira que, precisamente nessa altura, regressam a obras suas iniciais, seja para as reescrever seja para lhes acrescentarem prefácios que reflectem sobre o seu percurso criativo individual e colectivo e sobre o modo como foram dialogando com o seu tempo.

<sup>40</sup> Cf. Rosa Maria Martelo, *Carlos de Oliveira e a Referência em Poesia*, Porto Campos das Letras, 1998, pp. 92-108.

<sup>41</sup> Cf. depoimento de Carlos de Oliveira na *Seara Nova* n.º 1474 (Lisboa, Agosto 1968), pp. 275-276, no âmbito do cinquentenário de vida literária de José Gomes Ferreira, depois inserido, com o título “Autor, encenador, actor”, em *O Aprendiz de Feiticeiro*, Lisboa, Sá da Costa, 1979, 3.ª ed. corrigida, pp. 163-164. Mário Dionísio cita Oliveira em “Poeta militante de José Gomes Ferreira” in *Prefácios 1948-1989*, op. cit., pp. 71-72.

<sup>42</sup> “José Gomes Ferreira: ‘O neo-realismo é o maior movimento literário da nossa época’”, op. cit., p. 207.

Como já tive ocasião de dizer noutro lugar<sup>43</sup>, a posição estranha de José Gomes Ferreira dentro do Neo-Realismo chega ao ponto de um seu diário de artista, *Imitação dos Dias* (1966), dar expressão aos que, como Dionísio, se bateram naquela polémica em defesa de uma arte realista que não prescindisse da experimentação das formas artísticas para se assumir como revolucionária.

Quando se diz neo-realista, por audácia solidária, José Gomes Ferreira apresenta um pensamento histórico-literário complexo sobre o Neo-Realismo e sobre si mesmo na relação com aquele movimento. Afinal de contas, tem uma visão sistémica, correlativa e evolutiva daquela constelação literária e cultural. Nela há com certeza traços invariantes básicos (como o referente marxista, ele próprio plural, ou a luta pela democratização cultural) mas não ao ponto de se fechar na definição de graus de pureza que ignorem a singularidade de textos e autores, a sua evolução e os diálogos, convergências e conflitos com outros elementos do campo literário português daquele período. É precisamente sob a égide dessa visão constelar, dialógica e mutante do Neo-Realismo que se pode conceber o lugar nele do próprio José Gomes Ferreira. Dessa visão resulta também o facto de recusar o esquematismo redutor de qualquer rótulo, quando remata a entrada de *Dias Comuns I* (citada atrás) em que conta a sua pretensão de ser mais um neo-realista e acaba a concordar com a opinião avisada de Dionísio:

A verdade também é que são poucos os poetas que se furtam a ambiguidades desta espécie. Principalmente quando possuem uma vida poética tão comprida como a minha...

Meio século, meus amigos. Meio século aos tombos por essas ruas – a tentar abrir portas nas pedras de musgo.<sup>44</sup>

O mínimo que se pode dizer é que o rigor da leitura de Mário Dionísio sobre José Gomes Ferreira não foge à complexidade do seu objecto de estudo. Por isso, no prefácio a *Poesia Incompleta* (1966), Dionísio fala do poeta militante na sua condição de precursor e nas conexões indirectas e mais profundas que o ligam aos amigos neo-realistas.<sup>45</sup> Prova acabada dessa caminhada e raízes comuns é a coincidência histórica e conceptual de *A Paleta e o Mundo* (1956-1962) e *Imitação dos Dias* (1966) – duas cúpulas do trabalho artístico e intelectual de ambos, frutos de uma maturação colectiva, franca e prolongada de sonhos e obras.


---

<sup>43</sup> Cf. Carina Infante do Carmo, *A Mlitância Melancólica ou a Figura de Autor em José Gomes Ferreira*, op. cit., p. 90.

<sup>44</sup> José Gomes Ferreira, *Dias Comuns-I*, op. cit., p. 145.

<sup>45</sup> Cf. MD, “Antiprefácio”, in *Poesia Completa*, op. cit., p. 19.



 FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN | 60 ANOS

 U FLUL  
LISBOA LETRAS  
UNIVERSIDADE LISBOA  
DE LISBOA

 C Centro de Estudos  
Comparatistas

 **FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

 m neorealismo  
museu do neo-realismo

 CCAS  
DA FACULDADE  
DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

 MUSEU DO  
NEO-REALISMO  
Associação Promotora

 Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira  
[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)